

A EXPERIÊNCIA DO ENSINO VIRTUAL E SUA INFLUÊNCIA NA DOCÊNCIA PRESENCIAL

05/2007

Sandra Regina dos Reis Rampazzo

Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) – sandra.rampazzo@unopar.br

Samira Fayez Kfoury

Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) – samira.silva@unopar.br

Melina Klaus

Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) – melina@unopar.br

RESUMO: Este artigo relata considerações de um projeto de pesquisa acerca da experiência de professores no Ensino Virtual para atuação nos cursos do Sistema de Ensino Presencial Conectado da Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). As reflexões advêm do projeto de pesquisa na área de formação de professores para EAD e da vivência no processo de implantação do curso e da atuação como equipe pedagógica desse modelo educacional. O texto apresenta considerações sobre aspectos que envolvem as tele-aulas, realizadas através de videoconferências, as atividades de estudo independentes e a inserção do professor como corpo docente do curso. A proposta educacional, realizada de forma bi-modal, apresentou um novo desenho educacional, incorporando computador, estúdio de televisão, videoconferência, atividades a distância, realizadas de forma síncrona e assíncrona, equipes interdisciplinares de profissionais e outros fatores ligados à prática diária de professores, cuja experiência até então, havia sido construída somente dentro do modelo presencial de educação. O processo de treinamento pelo qual passaram os professores trouxe ganhos qualitativos ação docente e ao curso, considerando a escassez de literatura produzida na área.

Palavras-chave: Educação a Distância; Formação de professores

No final do século XX houve uma expansão da educação a distância (EAD), estendendo-se a vários cursos, inclusive à formação de professores, visto que proporciona condições de formação profissional a um contingente populacional que, por razões diversas, encontram-se impossibilitados de

formação. No entanto, a associação da EAD às novas tecnologias da comunicação e da informação atribuíram um novo perfil aos programas desenvolvidos. Propostas inovadoras vêm surgindo, incorporando aula por videoconferências, atividades *on-line* e *off-line*, rede ligada à Internet, atividades presenciais e não presenciais, tutoria, estágios e atividades práticas orientadas à distância.

Associadas à evolução tecnológica, os projetos pedagógicos dos cursos de formação de professores tem evoluído, na compreensão de que a tecnologia por só não garante a aprendizagem e, conseqüentemente o sucesso de um curso. Experiências inovadoras vêm sendo desenvolvidas, a exemplo dos cursos ofertados pelo Sistema de Ensino Presencial Conectado (SEPC) da Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), cuja organização é modular e o currículo pauta-se na pesquisa como eixo articulador, na associação teoria e prática, na formação do profissional e do professor reflexivo. O curso é apresentado de forma bimodal, envolvendo atividades que contemplam contribuições das modalidades de ensino presencial e a distância.

Na busca pela socialização de um modelo inovador, este artigo visa a apresentar considerações acerca da formação de professores especialistas para atuação no CNSPC. As considerações apresentadas aqui constitui parte de um projeto de pesquisa sobre a formação do professor para atuação em EAD no SEPC. As reflexões perpassam a fase implantação do curso, tendo como base a vivência cotidiana dos pesquisadores como professores e membro da equipe pedagógica que vem estruturando a EAD na UNOPAR.

A experiência do professor para atuação na EaD

Muito já se avançou na construção de propostas de EAD. Muito ainda se tem a caminhar. Os cursos bimodais incorporam características do ensino presencial e à distância. Somando-se aos desafios já existentes, novos se implantam como a formação dos docentes na familiarização com a tecnologia televisiva como câmeras, microfones, quadros eletrônicos entre outros complementos.

Tendo como fundo um curso inovador e a pouca ou quase nenhuma experiência com EAD, a implantação do curso exigiu a formação de professores para atuação em seu projeto.

Atendendo a um convite da instituição, alguns professores se aventuraram na tarefa de conhecer o projeto tecnológico construído pela UNOPAR, cuja tecnologia impressionava até mesmo os mais experientes. Diante de maravilha tecnológica, restava estruturar um projeto pedagógico a altura das inovações propostas. Assim, um grupo de professores se embrenhou na tarefa de construir uma proposta pedagógica para um curso de formação de professores, contemplando o aparato tecnológico disponível e em consonância com o mesmo espírito inovador que rondava o SEPC.

Professores do corpo docente do curso de Pedagogia da UNOPAR, com considerável conhecimento e experiência na área de formação de professores reuniram-se por dias e horas afins até a consolidação de um projeto pedagógico que atendessem as diretrizes da formação do professor fixadas pelo Conselho Nacional da Educação (CNE), em seu parecer 009/2001.

Após exaustivas discussões e reflexões nasceu o CNSPC. O momento vivido pelos professores coincidia com as discussões em torno de duas dicotomias: Pedagogia e Normal Superior e educação presencial e à distância. Após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) n. 9394/96, o país mergulhou em uma profunda discussão quanto à formação do professor. Como a LDB preconizava a formação em nível superior para atuação na educação básica, houve uma corrida às universidades para formação desse profissional, inclusive do professor que já atuava. Impulsionada por essa demanda, houve alastramento de cursos e a expansão de novas maneiras de formar o professor.

Várias experiências inovadoras foram implantadas, como demonstra Lobo Neto (1998). Algumas de boa qualidade como as relatada por Rampazzo (2005). Outras de qualidade duvidosa.

O contexto gerado pela aprovação da lei fez emergir seminários, encontros, congressos, pesquisas, dos quais surgiram escritos e documentos que registram diversas formas de pensar e estruturar essa formação. Houve posicionamentos contrários à posição oficial do MEC defendida por “diversas entidades do campo educacional (Anped, Anfope, Anpae, Fórum dos Diretores das Faculdades de Educação)” (SCHEIBE; AGUIAR, 1999, p.220).

Em meio a esse cenário de mudanças, foi discutida e elaborada a proposta do CNSPC, que incorporou aspectos inovadores da política educacional, contemplando a pesquisa, a articulação teoria e prática e a formação reflexiva. Da mesma forma, vislumbrou a formação humana e ampla do professor, compreendendo-o como profissional da educação, ao qual necessita ser conhecedor do espaço e das condições de trabalho que o cerca, investindo na “valorização e no desenvolvimento dos saberes dos professores e na consideração destes como sujeitos intelectuais, capazes de produzir conhecimentos de participar de decisões e da gestão da escola e dos sistemas (PIMENTA, 2002, p.36)”.

Concomitante à elaboração do projeto pedagógico do curso, houve uma continuidade no treinamento dos professores. A UNOPAR ofertou aos professores um curso de EAD com renomado estudioso da área, no qual foram apresentadas e discutidas formas de interação *on-line* e *off-line*, apresentação de plataformas para interação via *WEB* e sugestões de ferramentas a serem utilizadas na busca pela interatividade. Esse curso, ministrado parte presencial e parte à distância, configurou para muitos professores a primeira experiência com EAD, além de auxiliar na percepção das atividades à distância que poderiam ser incorporadas ao CNSPC.

Consolidada a proposta e elaborado o projeto do CNSPC, iniciou-se o processo de credenciamento e autorização de implantação do curso. Nesse período de tramitação legal, os professores continuaram seus estudos, estruturando a equipe pedagógica, com um organograma de trabalho. A estruturação do curso incluía outros profissionais que, igualmente necessitavam de treinamento.

As equipes multidisciplinares se reuniam constantemente para traçar o fluxograma. Foram necessárias muitas reuniões para aproximação da linguagem pedagógica e tecnológica, culminando com uma linguagem única que envolvia aspectos técnicos e pedagógicos. Essa interação não acontece em momentos únicos, mas em um processo de construção contínua que exige

da equipe em geral, até o presente momento, uma afinação na busca e na incorporação de um projeto único e de um vocabulário comum às partes.

Uma linguagem única que perpassasse as dimensões pedagógicas e técnicas, vista antes como um detalhe, foi motivo de vários tropeços. Por diversas vezes, o afastamento e desconhecimento, por qualquer uma das partes, dessa linguagem revelou limitações cabíveis a cada uma e a necessidade da articulação e do reconhecimento de um grupo único que possuía um objetivo único e se dispunha a construir um modelo inovador. Por vezes, as exaustivas discussões conduziram ao desânimo e sensação de ineficiência, sendo esta, somente superada pelas constantes conversas que convergiram à lapidação das arestas que envolvem cada dimensão e separam ambas. A vivência e a incorporação de profissionais diferenciados às atividades rotineiras tanto dos pedagogos como dos técnicos consolidou um grupo coeso que sedimentou o trabalho em equipe. Atualmente, a equipe se reúne constantemente e as implementações são partilhadas e discutidas por todos.

Ainda, durante a tramitação legal do projeto, iniciou-se a elaboração do material didático do curso e a preparação dos professores especialistas para atuar nas tele-aulas e no preparo do material.

A participação de alguns professores desde o treinamento inicial e o conhecimento prévio do projeto, visto que alguns foram colaboradores, auxiliou nesse processo. Estendeu-se o convite de treinamento ao corpo docente de diversos cursos presenciais da universidade. Vários professores, organizados em grupos, apropriaram-se do projeto pedagógico do curso, conheceram o sistema e os recursos tecnológicos e fizeram treinamento no estúdio de gravação. Iniciou-se aqui, uma nova etapa de treinamento: a dos professores.

Para quase a totalidade dos professores, o estúdio e a câmera eram objetos estranhos. Segundo eles, um outro agravante era o fato de, além de não terem alunos a sua frente, tinham apenas uma câmera fria e outros profissionais que não pertenciam ao seu grupo comum de trabalho, ou seja, eram considerados como pessoas estranhas.

Vários encontros e várias discussões fizeram-se necessárias com o grupo iniciante de professores, considerando que, mesmo a equipe pedagógica era igualmente principiante “nesta nova forma de dar aula”.

Uma equipe de planejamento foi criada, com o intuito de assessorar o professor no planejamento de suas aulas, de forma que esta configurasse uma “aula” e não um *show* televisivo. Por outro lado, havia a necessidade de incorporar à aula elementos da televisão, afinal era uma aula mediada por esta e, para tal, havia a necessidade de um estúdio, de câmeras, de um diretor de televisão e de equipe de apoio. Elementos, até então, estranhos ao professor presencial. Da mesma forma, não havia o aluno ali presente, ainda que o professor soubesse que o aluno existia e o estava vendo e ouvindo.

Coube à equipe de planejamento, discutir com o professor os elementos da aula sem interferir no conteúdo, apenas orientando-o na quantidade a ser apresentada em cada aula. “Ensinar a distância é muito diferente de ensinar presencialmente, mesmo para professores com larga experiência em educação” (LEITE; SILVA, 2002, p.4). As distâncias físicas exigem domínio dos meios ou dos sistemas de informação que embasam o curso. Impõem habilidades diferenciadas quanto à apresentação da informação, quanto ao planejar, desenvolver e avaliar estratégias para o ato de

ensinar e aprender, sendo necessário incluir o diagnóstico do público alvo e a avaliação do processo.

Tomando por base, a necessidade de formar o professor especialista, a equipe de planejamento, passou a acompanhar o professor em todos os momentos da elaboração da aula, sugerindo formas de tornar a aula mais interativa e atrativa, com a inserção de slides, imagens, vídeos, charges, filmagens e outros elementos enriquecedores. Esses elementos precisavam estar em consonância com as especificidades de cada professor, de forma que houvesse um modelo de aula, mas não uma aula padrão que afastasse o professor de suas características pessoais. Houve sempre um cuidado no sentido de respeitar a individualidade de cada um. Isso foi sentido no primeiro treinamento. Assim, foi instalado um processo: o professor conhecia o sistema, trazia um conteúdo que ministrava no ensino presencial e fazia um treinamento frente às câmeras. Este primeiro treinamento possibilitava não só a familiarização com o estúdio e a equipe, mas também com o quadro digital interativo utilizado nesse modelo.

O treinamento do professor estendeu-se à produção de sua própria tele-aula. Planejar uma aula em grupo era uma atividade não muito comum a alguns professores. Da mesma forma que planejar, houve a necessidade de abrir a sala de aula, de expor a aula a um grupo de especialistas da mesma área e de outras áreas. Em uma videoconferência nada é forjado. Tudo é ao vivo e em tempo real. O domínio sobre o conteúdo, a demonstração de segurança, o vocabulário, a postura filosófica e outros, são percebidos não apenas pelos alunos, como acontece na sala de aula presencial, mas por todos os envolvidos, o que torna público a fala e a apresentação do professor. Isso causou grande constrangimento aos professores, sendo que alguns desistiram no caminho, alegando motivos diversos como, não se sentir a vontade em frente às câmeras, atividade muito trabalhosa, falta de tempo e outros.

No percurso, houve a necessidade de repensar a atuação do professor para atuar no curso, considerando que “O professor, em qualquer curso presencial, precisa hoje aprender a gerenciar vários espaços e a integrá-los de forma aberta, equilibrada e inovadora” (MORAN, 2004c). O mesmo se transpunha para o ensino virtual. Fez-se necessário re-pensar o papel e as qualidades exigidas do professor para atuação nesse modelo de ensino. Segundo Moran (2004b) “educar com qualidade implica em ter acesso e competência para organizar e gerenciar as atividades didáticas”, contemplando quatro espaços: uma nova sala de aula, o espaço do laboratório conectado, utilização de ambientes virtuais de aprendizagem, inserção em ambientes experimentais e profissionais (prática/teoria/prática) (MORAN, 2004c).

As videoconferências, o chat, as atividades assíncronas e outras especificidades da EAD, impuseram ao professor uma diversidade de atividades didáticas que exigiram uma nova postura, com vistas a superar a transposição da sala presencial para a sala virtual. Essa nova postura envolvia atividades diferenciadas, visto que “é difícil manter a motivação no presencial e muito mais no virtual, se não envolvermos os alunos em processos participativos, afetivos, que inspirem confiança” (MORAN, 2004c).

Após o impacto das primeiras experiências, os professores demonstraram envolvimento fascinante com o curso. As possibilidades de utilização dos recursos, tais como, *power point*, *flash*, charge, cores, movimentos, filmes e outros elementos, abriu novos horizontes e passou a

e elevar a qualidade da aula e das atividades propostas. Cada vez mais os professores inovavam, cada vez mais se abria possibilidades de uso dos recursos e cada vez mais se aprimoravam as tele-aulas. Cada professor buscava dar seu próprio contorno à aula.

Felizmente, o deslumbramento com a tecnologia não afastou o professor do seu fim último: ensinar. O grupo, à medida que se aprimorava, desenvolvia a consciência da aplicação da tecnologia em favor da educação e incorporava o conceito de interatividade, buscando fazer do espaço virtual uma sala de aula interativa (SILVA, 2002). O professor passou a adotar a postura de “tornar-se parceiro dos estudantes no processo de construção do conhecimento” (BELLONI, 1999, p.81). Assumiu um papel diferente do que desenvolvia no ensino presencial, passando a assumir a função de companheiro, de liderança e de animador comunitário. Seu grande talento passou a ser concentrado não apenas no domínio do conteúdo ou das técnicas didáticas, mas na capacidade de mobilizar a comunidade de aprendizes em torno da sua prática de aprendizagem, de fomentar o debate, manter o clima para ajuda mútua, incentivar cada um a se tornar responsável pela motivação de todo o grupo (BELLONI, 1999). Essa postura foi bastante percebida na produção do material impresso do curso.

Incorporou-se a idéia de “equilíbrio entre atividades individuais e a aprendizagem colaborativa, em grupos” (MORAN, 2004a, p. 29). As atividades, tanto das tele-aulas, das aulas atividade como dos estudos independentes, passaram a ser direcionadas para trabalhos em grupos, para projetos, para pesquisas e outras atividades compartilhadas.

Além das tele-aulas, houve a necessidade de treinar o professor para a produção do material para subsidiar o projeto pedagógico do curso. Esse precisava vislumbrar a construção de uma proposta de ensino autônoma, na qual o aluno criasse o hábito de estudar sozinho buscando sua própria formação.

Para a preparação das atividades assíncronas e de avaliação, para os trabalhos e para o material didático impresso, foram realizadas reuniões, nas quais os professores discutiram, chegando a uma proposta interdisciplinar que atendesse ao projeto pedagógico. Igualmente às tele-aulas, no início do processo, os professores sentiram-se intimidados. Porém, aos poucos, foram sendo criadas propostas de estudo independente, traduzidas de forma clara, em vocabulário de fácil acesso, porém, não menos profunda ou mais superficializada. Aos poucos, a cada texto e a cada revisão, o professor fortalecia a concepção que permeava todo o projeto.

A familiarização com a máquina, o domínio das linguagens e o acesso e a busca pela informação na internet substituíram os preconceitos e os temores que, antes habitavam nos professores.

Para consolidar o preparo do professor para atuação no CNPC, foi construído um modelo de tutoria que assiste o aluno por meio eletrônico, fazendo a mediação com o professor. Nesse modelo tutorial, o professor teve a necessidade de aprender a delegar a outros, tarefas que lhes pertencem no ensino presencial, como a avaliação, por exemplo. Porém, desenvolveu-se a consciência que, delegar implica em assistir, acompanhar e assessorar o tutor eletrônico, com vistas a alcançar o aluno.

Considerações finais

Um modelo de EAD estruturado de forma bimodal absorve a problemática, por vezes ainda não solucionada, dos modelos presencial e a distância, sendo necessário contemplá-los na implantação e execução de um projeto pedagógico.

Apesar das muitas críticas, é inegável a contribuição da EAD, considerando que possibilita a milhões de pessoas, em especial no interior dos Estados, longe dos grandes centros, o acesso a um saber mais elaborado e a uma formação com qualidade, suprimindo o acesso aos grandes centros (pela distância, tempo, transporte etc.). Mas, “a educação a distância é um processo que exige todas as condições internas inerentes a qualquer sistema educacional, a saber: planejamento, orientação e avaliação” (SARRAMONA *apud* TELLES ; POLAK, 1999, p.19).

Porém, em um programa de ensino a distância diversos fatores interferem no sucesso ou insucesso do curso e são comprometedores da qualidade, da aplicabilidade e das condições de oferta. Segundo Saraiva (1996), uma boa organização interna, apoiada na mídia interativa, não é o suficiente para garantir um bom curso. É necessário ir além da simples utilização dos recursos ofertados pela tecnologia da informação e da comunicação.

Adquirir máquinas, criar programas, estabelecer conexões, produzir sistemas, entre outras, são tarefas simples e fáceis de serem desenvolvidas. O maior desafio é a formação de profissionais especializados, com experiência e que transitem pelo técnico e pedagógico com a mesma desenvoltura. Na implantação do CNSPC, a escassez de literatura, de pesquisas, de produções e de modelos de referência dificultou o processo. A construção pautou-se na experimentação e culminou na consolidação de uma equipe unívoca.

A vivência possibilitou a compreensão de que, nos cursos a distância, os papéis do professor e do aluno se modificam. Ambos desenvolvem uma relação de “companheiros de comunidade de aprendizagem” (AZEVEDO, 2002, p.3). É exigido do aluno um grande esforço no sentido de ser capaz de atender as inovações e os novos ambientes de aprendizagem, “de se perceber como parte de uma comunidade virtual de aprendizagem colaborativa” (AZEVEDO, 2002, p.7). Novas exigências lhe são colocadas: “estudar a distância exige mais do aluno em termos de disciplina, base de conhecimentos anteriormente adquiridos, iniciativa, criatividade, capacidade de comunicação através de mídias diferenciadas, assim por diante” (TELLES; POLAK, 1999, p.56).

O CNSPC, desde sua implantação, esteve atrelado à construção de um ambiente, no qual prevaleceu a primazia da interatividade. Aqui, desenvolvida de forma viva e dinâmica. Promover a interatividade implicou em desenvolver uma prática interativa que envolvesse comprometimento, reflexão, questionamento crítico, argumentação, resolução de problemas, busca de caminhos, elaboração de respostas próprias, construção de proposições, tomada de posicionamentos pessoais, análises, discussões, incentivo à criatividade e outros. A interatividade passou a envolver todas as instâncias do curso e não somente a relação professor e aluno. Transitou pela produção do material, pelas atividades de estudo e de avaliação, pelas práticas curriculares e estágios entre outros.

Também exigiu dos professores encaminhamentos na produção de materiais didáticos voltados à análises e reflexões que conduzissem o aluno à construção do conhecimento sozinho, apenas amparado por um professor que não está presente naquele momento para tirar sua dúvida. Também, pautou-se no princípio que o aluno precisa buscar informações, discussões e reflexões em outras fontes que não seja somente o professor, isto é, desenvolver a autonomia. Da mesma forma, vislumbrou o hábito de buscar a interatividade junto ao tutor eletrônico, em momentos estabelecidos como nas atividades síncronas ou em fontes alternativas como o e-mail, fóruns e listas de discussão.

Segundo Moran (2004c) “Estamos aprendendo a desenvolver propostas pedagógicas diferentes para situações de aprendizagem diferentes”. A situação instalada na ocasião da implantação do CNSPC suscitou longas reflexões acerca dos fatores envolvidos em um curso que atendesse a estrutura tecnológica já existente e que ofertasse ao cenário educativo da EAD contribuições valiosas.

Em meio a um contexto polêmico, a EAD vem aumentando seu espaço em todo o Brasil e no mundo, vem ampliando seu campo de atuação dentro da educação e firmando-se como alternativa de ensino apropriada a muitas situações, dentre as quais, a formação do professor. Negar as contribuições que essa modalidade de ensino tem trazido à educação é negar sua própria história.

Nesse universo, a UNOPAR, vem construindo ao longo dos últimos anos, sua participação na história da EAD, com a implantação de um modelo educacional que associa inovação e qualidade. A proposta em questão encontra-se ainda em construção, mas, certamente já imprimiu seu nome na história da educação brasileira.

Referências

AZEVÊDO, Wilson. **Panorama atual da educação a distância no Brasil**. Disponível em: <http://www.aquifolium.com.br/educacional/artigos/panoread.html>>. Acesso em: 22 fev. 2002.

BRASIL. Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e Bases da Educação Nacional. In: NISCKER, Arnaldo. **LDB: nova lei da educação: tudo sobre a lei de diretrizes e bases da educação nacional: uma visão crítica**. Rio de Janeiro: Consultor, 1996.

BELLONI, Maria Luísa. **Educação à distância**. Campinas: Autores Associados, 1999.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONSELHO PLENO. **Parecer 009/2001 - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores em Nível Superior, Licenciatura Plena**. Brasília, 2001.

LEITE, Lígia Silva ; SILVA, Christina Marília Teixeira da. **A educação a distância capacitando professores: em busca de novos espaços para a**

aprendizagem. Disponível em: http://www.revistaconect.com/conectados/ligia_capacitando.htm. Acesso em: 25 mar. 2002.

LOBO NETO, F.J.S. (2004). **Educação a Distância**: Regulamentação, Condições de Êxito e Perspectivas, 1998. Disponível em URL: http://www.intelecto.net/ead_textos/lobo1.htm. Acesso em 29 de novembro de 2004.

MORAN, José Manuel. Desafios que a educação a distância traz para a presencial. **UNOPAR Científica**: ciências humanas e educação, Londrina, v. 5, n.1, p. 27 – 33, jun. 2004.

MORAN, José Manuel. **Perspectivas (virtuais) para a educação**. 2004b. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/futuro.htm>. Acessado em: 20/10/04.

MORAN, José Manuel. **Propostas de mudança nos cursos presenciais com a educação on-line**. 2004c. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/153-TC-D2.htm>. Acessado em: 15/10/04.

PIMENTA, Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; In: GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002. p.17-52.

SARAIVA, Terezinha. **Educação a distância no Brasil**: lições da história. **Revista Em Aberto**, Brasília, Ano 6, n. 70, p.17- 27, abr./jun. 1996.

UNIVERSIDADE NORTE DO PARANÁ - UNOPAR. (2003) **Projeto pedagógico do Curso Normal Superior** – habilitação: anos iniciais do ensino fundamental. Londrina, 2003.

SCHEIBE, Leda ; AGUIAR, Márcia Ângela. Formação de profissionais da educação no Brasil: O curso de Pedagogia em questão. **Educação & Sociedade**: Revista Quadrimestral de Ciência da Educação – Formação de Profissionais da Educação – Políticas e Tendências, Campinas, n. 68, p.220-238, 1999.

SILVA, Marcos. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quatern, 2002.

RAMPAZZO, Sandra R. dos Reis; RAMOS, Corina; VALENTE, Silza M. Pazello. Formação de professores: experiências pioneiras de ensino a distância no contexto brasileiro. **UNOPAR Científica**: ciências humanas e educação, Londrina, v. 5, n.1, p. 49 – 54, jun. 2004.

TELLES, José Ederaldo ; POLAK, Ymiracy N.S. Educação a distância: possibilitando a excelência e a socialização do saber no âmbito da graduação. **Educação a distância**: um trabalho multidisciplinar. Curitiba, p. 89-108, 1999.

Nome do arquivo: 54200772109PM.doc
Pasta: C:\ABED\Trabalhos_13CIED
Modelo: C:\Documents and Settings\Marcelo\Dados de aplicativos\Microsoft\Modelos\Normal.dot
Título: A política educacional do Brasil alentada pelas ações de investimento do Banco Mundial e respaldada pela promulgação da Lei de
Assunto:
Autor: Sandra
Palavras-chave:
Comentários:
Data de criação: 4/5/2007 19:15:00
Número de alterações:2
Última gravação: 4/5/2007 19:15:00
Salvo por: Sandra
Tempo total de edição: 1 Minuto
Última impressão: 24/8/2007 16:27:00
Como a última impressão
Número de páginas: 9
Número de palavras: 4.225 (aprox.)
Número de caracteres: 22.820 (aprox.)